



Acre é assunto para jornalistas de todo o mundo

SILVIO MARTINELLO

Os hotéis de Rio Branco e Xapuri estão lotados de ingleses, suíços, franceses, italianos, canadenses e sobretudo norte-americanos. Vieram para o Encontro Nacional dos Povos da Floresta e para conhecer o Acre, atraídos ainda pelo carisma do líder sindical e ecologista Chico Mendes, assassinado em dezembro passado.

Quase todos são jornalistas, cinegrafistas ou cineastas. Por Rio Branco e Xapuri já passaram correspondentes do "The New York Times", "The Washington Post", do "The Miami Herald", do "The Globe And Mail", do Canadá, do "L'Expresso de Milão", na Itália. A BBC de Londres manteve uma equipe permanente durante um mês. A vida é ainda mais difícil nesta época do ano no Acre. Chove muito, as estradas estão intratáveis, hotéis e pensões não oferecem conforto, mas isto não importa para eles. Tendo como pano de fundo a vida e a morte de Chico Mendes, o que lhes interessa é colher o máximo de informações possíveis sobre o Acre e a Amazônia, que são a "grande notícia" em seus países.

Tanto jornalistas norte-americanos como europeus concordam num ponto: quem desencadeou toda a repercussão internacional sobre a morte de Chico Mendes foi "The New York Times", noticiando o fato na primeira página e abrindo editorial. A partir daí, afirma Luc Banderet, da Rádio e Televisão Suíça, todos se sentiram obrigados a

correr atrás do assunto.

"The New York Times" mandou ao Acre sua correspondente no Brasil, Marlis Simons, em meados de janeiro. Ela veio acompanhando a comitiva de parlamentares norte-americanos. Simons ficou cinco dias no Acre, entre Rio Branco e Xapuri, andou duas horas dentro da mata para conhecer uma reserva extrativista em implantação e fez uma revelação surpreendente ao Governador Flaviano Melo. Segundo ela, o governo norte-americano não quer que o Japão financie a rodovia ligando o Acre ao Pacífico, porque tem medo que os japoneses passem a controlar o mercado de madeiras tropicais.

EL SALVADOR

Entre os jornalistas norte-americanos há quem discorde do enfoque dado pelo "The New York Times", que revelou Chico Mendes ao mundo como um ecologista. Tim Golden, correspondente do "The Miami Herald" na América do Sul, que esteve há duas semanas no Acre, saiu convencido de que, além do aspecto ecológico, o que está acontecendo em Xapuri, no Acre e por extensão na Amazônia, é uma disputa eminentemente econômica e política. De um lado, os proprietários de terra, organizados na União Democrática Ruralista (UDR), e de outro, os seringueiros e trabalhadores rurais, organizados no PT, nas comunidades de base da Igreja progressista e em outras entidades de esquerda.

Para Tim Golden, que esteve em El Salvador, existe uma certa semelhança entre o que ocorre naquele país, com grupos paramilitares executando bispos, padres e líderes sindicais e políticos, com o que vem acontecendo no Acre. Nos quatro dias em que permaneceu no Acre, o jornalista do "The Miami Herald", percebeu inclusive que há uma disputa entre as lideranças sindicais, uns ligados ao PRC, outros ao PT independente e outros sob a órbita da Igreja progressista.

Por onde passou e com quem conversou, Tim Golden fez muitas perguntas sobre supostas "milícias armadas" que os seringueiros estariam formando para proteger seus líderes de ameaças de morte e se os fazendeiros pretendem reagir aos "empates" — mutirões de seringueiros para impedir as derrubadas da floresta.

PRETO E BRANCO

Por conhecer o Acre há mais tempo — já esteve aqui três vezes e conheceu Chico Mendes, pessoalmente — Augusta Dwyer, correspondente do "The Globe And Mail", do Canadá, também acha que o que está acontecendo na Amazônia não se restringe apenas a um problema ecológico. Augusta, que está com um livro pronto para ser lançado em breve, prefere o "enfoque social" do problema.

Ela observa que o que tem sido publicado na imprensa internacional sobre o Acre está muito na base do "preto e branco": de um lado, fazendeiros ruins, perversos; do outro, os seringueiros puros e que merecem ajuda. Por aí, segundo ela, compreende-se também porque a morte de Chico Mendes teve tamanha repercussão. No seu país, o Canadá, nos Estados Unidos e na Europa, onde o líder sindical e ecologista esteve algumas vezes, ele era visto como um "homem bom, puro", que não fazia mal a ninguém e seu único objetivo era defender a floresta. Sua morte pela família dos fazendeiros Alves só poderia causar grande comoção. Conta que amigos lhe telefonavam do Canadá, nos dias seguintes à morte de Chico Mendes, dizendo que as rádios, televisões e jornais não paravam de noticiar o fato.

Augusta Dwyer observa também que o Canadá, Estados Unidos, Europa e até a Rússia tem graves

problemas ambientais e que a ecologia ganhou destaque depois de alguns acidentes graves, como o da usina de Chernobil, o envenenamento do Rio Reno. Neste contexto, segundo ela, a preservação da floresta amazônica entra com um dado importante para o "Futuro da humanidade".

Ela mesma acredita que a Amazônia seja o "futuro da humanidade" e confessou que está apaixonada pela exuberância das matas do Acre, quase mais do que pelo noivo que deixou no Canadá, diz ela brincando. "A vida do seringueiro e do índio da Amazônia não se compara com a miséria dos favelados do Rio de Janeiro, acrescenta. Augusta acredita ser possível ainda projetar um tipo de desenvolvimento para o Acre harmônico, a partir de pequenos projetos. Por outro lado, ela não crê que esteja ocorrendo qualquer tipo de interferência estrangeira na Amazônia: "até agora, não encontrei nenhuma prova disso", diz.

UMA BOA HISTÓRIA

Com mais de dois metros de altura, louro, vermelho como um tomate, Alex Schoumatof é o típico "gringo" que veio descobrir o Acre e faz o perfeito contraste com o acreano moreno, baixinho e desnutrido. Jornalista e escritor, Alex esteve perambulando 40 dias pela Amazônia à caça de uma boa história para uma grande reportagem, que poderia render, posteriormente, um filme.

A grande matéria ele já a escreveu para a sofisticada revista norte-americana "Vanity Fair", contando a vida e a morte de Chico Mendes em 17 páginas, com muitos detalhes, não esquecendo inclusive as "façanhas sexuais" do fazendeiro Darli Alves da Silva com suas seis mulheres.

Schoumatof deixou Xapuri e o Acre com outra história "fantástica", que não teve tempo para pesquisar. A partir de uma conversa que teve no Rio de Janeiro com um proprietário de terra no Acre, que vibrou com a morte de Chico Mendes e se identificou como descendente de nazistas, Alex foi embora do Brasil convencido de que os neonazistas estariam envolvidos na "barbárie" que se pratica na Amazônia.

Schoumatof é um dos vários escritores, produtores e diretores de cinema que estão disputando os direitos para filmar a vida de Chico Mendes.